

Pinotti quer colocar 151

Sarney em hipotermia

O pronunciamento do professor Pinotti, sobre o tratamento do presidente Tancredo Neves, ao ser ouvido em Brasília, não traria maiores consequências, se não tivesse sido visto, também. E que no vídeo ficavam evidentes os movimentos de "recado", ora entre leve riso, ora entre sobrolhos levantados artificialmente.

Enfim, o chefe da equipe médica que cuida do presidente Tancredo Neves foi mais político do que médico, embora todo o seu pronunciamento tenha sido feito em nível de alto entendimento médico, servindo também para os profissionais que chamaríamos "da periferia".

Faz duas semanas que os boletins não traziam outra notícia senão o estado grave do paciente. De repente, duas horas antes da visita do presidente Sarney ao Instituto do Coração, vem o pronunciamento, trazendo novo alento, com a esperança de cura. Os meios políticos de Brasília entenderam como uma advertência, ou o desejo de colocar o presidente Sarney numa discreta hipotermia política.

Acontece que os próprios ministros estão vendo o tempo passar, e não compreendem que o Vice em exercício tenha que esperar a volta do titular, para tomar decisões. Afinal, o Vice-Presidente no exercício do cargo tem obrigações de fidelidade e parcimônia nas decisões, mas hoje já se entende que Sarney está exagerando nessas precauções. E são os próprios ministros mais chegados ao presidente Tancredo Neves que sugerem o deslanche do Governo, porque uma administração parada é uma derrota para o País.

A volta de Tancredo será a maior consagração que o povo já terá concedido a um governante, mas enquanto tal não ocorre a máquina administrativa não deve parar, como parado está o Governo do Distrito Federal, já resumido na própria expressão do seu titular: "Ou então não haverá Nova República".

Dentre as farpas atiradas pelo professor Pinotti, não faltaram as citações de tantos nomes, e o proposital esquecimento do dr. Renault Mattos, médico do Presidente. Talvez a lembrá-lo, é o professor Pinotti quem se refere como causa do agravamento, "o retardo da internação do doente", quando na verdade a expressão correta seria "o retardo da internação pelo doente".

É uma briga séria. Mas eles, de branco, se entendem.

MORDOMIA — Fala-se muito em mordomia, mas até agora todo mundo só se referiu ao Executivo. Todos os outros poderes têm, também, mordomias, e, ao que se sabe, ninguém abriu mão até agora.

TRANSPORTE — O governo vem estudando o problema do transporte coletivo que está muito caro para o usuário. Como sempre, vai pretender jogar o assunto nas costas das empresas, como fez na questão alimentação, e é baseado nisso que estão sendo feitos os estudos. Para quem não sabe, o "vale alimentação" parte de um erro palmar. Qualquer bar troca o "vale" por cervejas, e é isso o que está acontecendo.

"NEGOCIO" — Há no ar alguma coisa que diz respeito ao edifício Argos, em Brasília, e que pertenceu à Planjet, falida em Brasília, com contas a prestar ao Banco Central. É mais ou menos assim: o local seria alugado a uma firma "testa-de-ferro", com direito a sublocar. Esta, por sua vez, vem envolvendo um ministério novo, e o assunto está para estourar.

SETOR — O presidente do Banco do Brasil está com planos de transformar a casa da presidência do Banco em ambulatório médico. É que o dr. Calazans acha a casa grande demais para ser ocupada por uma família. Ocorre que o setor ali é residencial, e pelas posturas do GDF não seria possível esse aproveitamento. Se for possível, quem vai usar a exceção é a Academia Júlio Adnet, que não conseguiu se instalar na Península Sul sob a mesma argumentação.

ADÃO — Estive no Congresso vendo a exposição de fotografias de Adão Nascimento, que aqui trabalhou durante a instalação do **CORREIO BRAZILIENSE**. É um trabalho sério, profissional, de alto nível e de técnica apurada. Adão se projeta como um grande fotógrafo paisagístico.

ACAMPAMENTO — Por comodismo ou conveniência, os deputados interessados no caso do Sulbrasileiro não estão fazendo avaliações mais completas. Há de se observar, por exemplo, que todas as barracas do **camping** instalado no Congresso são novas, as comunicações são perfeitas, os ônibus que transportam os funcionários ficam parados semanas e semanas esperando os passageiros. Isso tudo custa muito dinheiro, e não apareceu até agora em nenhum discurso na Câmara quem está pagando tudo. **Lobby** custa caro, ainda mais com centenas de pessoas transportadas e alimentadas em distâncias superiores a três mil quilômetros.